

Recensão crítica do livro:

Agier, Michel (2011), *Antropologia da Cidade. Lugares, situações, movimentos*, São Paulo, Editora Terceiro Nome, 213 pp.

A Antropologia Urbana tem sofrido um mal de nome. O termo evoca a disciplina “mãe”, a Antropologia, mas antes de mais é um método para os cientistas sociais que se ocupam da cidade contemporânea. Se o termo geral Estudos Urbanos condensa o vector multidisciplinar na abordagem das cidades, ele esquece a necessária Antropologia, no sentido do estudo do homem, neste caso do cidadão, entenda-se. Michel Agier está bem ciente desta evidência, por isso ao longo do livro transcorre um teor que parece procurar defender o método da Antropologia Urbana. No Brasil, a Antropologia Urbana não carece de defesa – ela está bem enraizada em várias escolas com centros de investigação dinâmicos como são bons exemplos o Centro de Antropologia Urbana, da UFRJ e o Núcleo de Antropologia Urbana, da USP; e a nível de divulgação conta com muitas publicações de investigadores nacionais e internacionais em língua portuguesa. No entanto, o autor, que estudou vários anos no Brasil mas cujo país de origem, França, preconiza sobretudo o termo geral Estudos Urbanos, vem fazer a apologia do uso da Antropologia Urbana no estudo das cidades, evidenciada através de propostas teórico-metodológicas concretas.

Os prefaciantes deste livro, Graça Cordeiro e Heitor Frúgoli, também eles antropólogos urbanos, resumem assim o objetivo central da última obra de Michel Agier: “Para compreender antropologicamente a cidade é preciso esquecer a cidade. Esse é um dos pontos de partida deste livro, que se propõe a conhecer as cidades a partir dos cidadãos e de sua experiência cotidiana, de seus lugares de vida e situações concretas (...)” (p.19). São duas ideias centrais que nunca desaparecem ao longo do livro, de facto: são os cidadãos que nos informam melhor sobre a cidade e as situação por eles vivenciadas configuram os melhores nichos de observação e análise. De resto, todo o prefácio apresenta não só a obra nas suas diferentes dimensões como o percurso de investigação do autor, com vasto trabalho de campo em cidades brasileiras, europeias e africanas e reconhecido mérito na literatura da Antropologia Urbana. A melhor recensão crítica a esta obra está feita logo no Prefácio, que não deve ser negligenciado no todo da obra.

No entanto, cabe aqui também apresentar e tecer argumentos sobre o livro que desde já recomendo não só a antropólogos como a outros cientistas sociais.

A última obra de Michel Agier é ao mesmo tempo uma novidade editorial e uma coletânea intemporal. *Antropologia da Cidade. Lugares, situações, movimentos* reúne textos do autor publicados noutros formatos e duas entrevistas. Mas entre todos destacaria em primeiro lugar os capítulos 2 e 3, nomeadamente “Os Saberes Urbanos da Antropologia”, publicado originalmente em 1997 na Revista *Enquête*, e “As situações Elementares da Vida Urbana”, um artigo aqui revisto, publicado inicialmente noutro livro de Agier, *L’Invention de la Ville* (1999). Sobre estes dois textos, diria que se encaixam naquela categoria de artigos na história das ciências sociais que devem ser lidos e relidos. E para quem se dedica aos estudos urbanos, estes são sem dúvida textos fulcrais para melhor analisar as cidades contemporâneas. No primeiro, Agier explica como a sua proposta teórico-conceitual passa pelos conceitos de região, situação, e redes. Talvez não nos enganemos muito se dissermos que Michel Agier é um embaixador contemporâneo dos ensinamentos da Escola de Chicago e do Instituto Rhodes-Livingstone que deram corpo inicial à Antropologia Urbana, sobretudo no sentido em que ele sustenta que a análise de situação é condição primária, quase necessária, para compreender os fenómenos urbanos. No capítulo 3 Michel Agier defende a existência dos fenómenos urbanos em si mesmos, ou seja, que a cidade e os cidadãos produzem situações urbanas e não apenas, por exemplo, releituras das origens rurais dos grupos, ou fenómenos analisáveis a partir de pontos de vista disciplinares isolados.

Face a esta evidência, da cidade produzindo cenas urbanas a cada momento e a partir dos grupos mais inesperados, muitos autores se detêm no conceito de criatividade como solução rápida para a análise das dinâmicas urbanas aceleradas. Michel Agier irá, neste livro, analisar essa criatividade, mas falando duma alternativa mais credível, a emergência, para melhor ler os processos, a urbanidade a acontecer. Foi particularmente através do seu trabalho de campo prolongado em campos de refugiados (ver Capítulo 6) que Agier formula este olhar sobre a cidade. Os refugiados, diz ele, estão separados dos cidadãos por um fio (p.138). Nos campos, as pessoas constroem um esboço de cidade – o autor fala mesmo em rascunho –, por isso são espaços essenciais para perceber como

se forma uma cidade. E face à situação de excepção dos seus residentes, as formas de sociabilidade são iniciais, elementares, e permitem ao observador registos em primeira mão sobre os processos urbanos.

Além dos terrenos emergentes que mais vêm destacando o autor na literatura antropológica, nesta obra Agier retoma os estudos do Carnaval, com apontamentos etnográficos em Notting Hill, Londres, Tumaco, no Pacífico Colombiano, e Bahia no Brasil, que vão contribuir para uma apologia das identidades urbanas mais do que nacionais. Desde pelo menos Benedict Anderson e as suas Comunidades Imaginadas (1983) que as identidades nacionais ganharam importância nas interpretações sobre os grupos humanos. Mas a aceleração das últimas décadas mormente no domínio das tecnologias vem enfatizando a importância dos lugares mais do que dos países onde os actores sociais residem. E esses locais são, cada vez mais, as cidades. Nas ciências sociais, para a análise de um conjunto de temas que vai desde as migrações, passando pelo património, pelo trabalho, entre outros, existe a tendência quase natural para tomar a nacionalidade como unidade de análise. O estudo dos fenómenos urbanos tem observado cada vez mais e melhor a ligação mais próxima dos cidadãos às suas cidades, no que Agier designa cidade familiar.

Assim, a cidade, em vez de lugar de anonimato como muitas vezes se caracterizam ainda as grandes cidades, pode ser lugar de conforto. Conforto pelas redes que se estabelecem, pela inscrição dos espaços vividos, pela possibilidade que a familiaridade fornece de reivindicação. Sem conforto, não há cidadania, parece dizer-nos Agier de várias formas. Não é por acaso que dedica o capítulo 8 ao princípio da política. São as ruas que promovem os actos políticos novos: “Nesses momentos iniciais a rua torna-se o espaço da política e também da invenção cultural (...) a manifestação de rua é já uma dimensão da cultura das cidades. (...) Não é a memória propriamente urbanística que faz gostar-se desses lugares simbólicos, mas sim a memória ritual da qual foram e são apoio.” Ler estas ideias em 2011 faz ainda mais eco se pensarmos na Primavera Árabe, nas manifestações nos países europeus em crise económica, ou nas recentes lutas Estadunidenses.

Além dos capítulos de autoria exclusiva, o livro apresenta ainda duas entrevistas que iniciam e encerram o livro (Capítulos 1 e 9). A primeira é um extracto de uma entrevista

ao autor feita por Dominique Vidal (2003) e a segunda por Constantine Petcou e Anne Queiren (2008). Michel Agier optou por fornecer algumas pistas importantes da sua Antropologia Urbana através deste formato colaborativo com outros investigadores da cidade. Nestas entrevistas, temos o proveito de ver algumas ideias centrais do autor discorridas com informalidade – como a questão da criatividade, a análise de situação e a abordagem simplificada, mas nem por isso menos interessante, de identidade, se não vejamos: que a identidade não deve ser analisada “(...) num sentido substancial, abstracto, mas sim em seu sentido situacional: com que tipo de lugar, de situação, de configuração, em dado momento, eu me identifico.” (p.52) A segunda entrevista, ainda que com perguntas por vezes algo etno- e eurocêntricas (situação notada pela tradutora, p. 188), resume bem a perspectiva da cidade política e da cidade em processo do autor. A última pergunta da entrevista é “Você é um antropólogo muito otimista...”, mas sendo o autor algo evasivo na resposta, deixemos aos leitores decidir.

Rita Ávila Cachado, Instituto Universitário de Lisboa, Centro de Investigação e Estudos de Sociologia, CIES-IUL

Revista
CONVERGÊNCIA
CRÍTICA